

Solução próxima

A partir da próxima semana, Santos testará um novo modelo contra a erosão: sacos de areia submersos. A-3



FALE COM A GENTE!

Editores Christiane Lourenço, Michella Guijt, Rafael Motta e Ronaldo Abreu Vaio
E-mail cidades@atribuna.com.br
Telefone 2102-7157

DESTAQUE DO DIA

CIDADES



Montes de areia parecidos com dunas estão sendo feitos em trechos de praias da Cidade, como nas proximidades do Canal 2 (à esq.), e transportados para perto do Aquário Municipal. Ideia de ecobags é da **Unicamp**

Santos conterà erosão da praia

Sacos de tecido geotêxtil cheios de areia formarão uma barreira artificial submersa contra os efeitos das ressacas na Ponta da Praia

SHEILA ALMEIDA

DA REDAÇÃO

Santos inicia na próxima semana um projeto piloto para diminuir os efeitos das ressacas e da erosão na Ponta da Praia. Por isso é possível ver dunas pela orla, pois elas fazem parte dos cerca de 7 mil metros cúbicos de areia que estão sendo levados para perto do Aquário Municipal. Essa areia encherá geobags – sacos produzidos com tecido geotêxtil que farão uma barreira artificial submersa. Os trabalhos devem terminar em janeiro.

Os *geobags* serão colocados 275 metros mar adentro e por 240 metros de extensão, formando um L, a partir da Rua Afonso Celso de Paula Lima, em direção à Praia da Aparecida (veja infográfico). A ideia foi sugerida em um estudo da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, com base num modelo matemático que considerou a força das ondas que incidem na região.

De acordo com o prefeito Paulo Alexandre Barbosa (PSDB), graças ao convênio com a universidade, especialistas de várias partes do País propuseram a solução que foi apresentada a órgãos como Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp), Ibama (órgão ambiental federal) e Companhia Ambiental do Estado (Cetesb).

“O estudo dará para a Cidade uma série de sugestões de intervenções que estão previstas, mas essa é a primeira baseada numa solução sustentável. A gente está utilizando a própria areia da praia, ideia que foi amplamente discutida”, explica o prefeito, que concederá entrevista coletiva sobre o assunto hoje.

Segundo ele, as *geobags* se-



rão posicionadas e travadas no solo mediante trabalho com embarcações e profissionais como mergulhadores, engenheiros e fotógrafos. Será possível acompanhar o trabalho da areia, pois o espaço será isolado, para proteção dos banhistas.

“Nosso tempo estimado é de 40 dias de trabalho. E a intervenção será feita agora porque entramos em uma janela meteorológica sem ressacas, período identificado pelo estudo como o melhor para a execu-

ção da obra”, diz o prefeito.

O custo estimado do serviço é de cerca de R\$ 3,2 milhões, com verba do Ministério Público Estadual (MPE).

De acordo com o secretário de Meio Ambiente de Santos, Marcos Libório, o dinheiro já está no Fundo Municipal de Meio Ambiente. Por causa da especificidade técnica dos produtos e da urgência em respeitar a janela meteorológica, não haverá licitação: a compra das *geobags* e sua instalação serão em caráter emergencial, segun-

do o prefeito.

A *Tribuna* apurou que provavelmente a empresa de instalação e venda das bags será a Submar, mas os preços ainda estão em levantamento, para escolha e contratação.

“Além de ser uma obra rápida, ela é sustentável, tem baixo impacto ambiental e é uma solução inovadora. Em termos de Brasil, Santos adota com ineditismo as *geobags* fixadas para essa finalidade”, avalia o prefeito.

A *Tribuna* havia antecipado,

em 20 de outubro, que medida semelhante foi adotada em Atlantic City, nos Estados Unidos, e poderia ser introduzida aqui também.

MONITORAMENTO

Ernesto Tabuchi, engenheiro da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb), explica que os próximos passos do projeto vão depender dos resultados posteriores à colocação das *bags*, o que será monitorado pelo estudo da **Unicamp**.

“Para saber se isso vai dar

certo ou não, a gente está fazendo esse experimento, pois uma estrutura definitiva seria um molhe, que é uma barreira física com blocos de pedra. Antes, vamos, com as *bags*, saber qual será a interação da estrutura com o ambiente”.

Tabuchi também cita que se estudará o impacto à fauna, à flora e à qualidade da água, pois há proximidade com os canais. “A vida útil do material é de dez anos. Se der certo, acho que vamos deixando”, afirma Tabuchi.